

A variação dos verbos *colocar* e *botar* na modalidade oral da língua

The variation of the verbs *colocar* and *botar* in the oral modality of language

Krícia Helena Barreto*, Nathália Felix de Oliveira*, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda*

*Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este trabalho objetiva averiguar sincronicamente a variação linguística existente no uso dos verbos *colocar* e *botar*. Para a análise das ocorrências, foram utilizados dois *corpora* representativos da modalidade oral informal da língua: o Projeto Mineirês: *a construção de um dialeto* (UFMG) e o Projeto NURC/RJ (UFRJ). A análise quantitativa dos dados baseou-se no programa computacional VARBRUL, a partir do qual se chegou a resultados estatísticos sobre os fatores mais relevantes para o favorecimento da variação entre esses dois verbos. Na tentativa de compreender o fenômeno enquanto variação discursiva, observando a limitação de uma análise puramente quantitativa, realizou-se, ainda, uma breve análise qualitativa.

Palavras-chave: Teoria da variação. Varbrul. Variação semântico-lexical.

Abstract: This study aims to examine the linguistic variation in the use of the Portuguese verbs *colocar* and *botar*. Two representative *corpora* of the nonstandard oral variety of the language were used: Projeto Mineirês (UFMG) and Projeto NURC (UFRJ). The quantitative analysis of the data was based on the software program VARBRUL, which allowed us to find statistical results on the most relevant factors in fostering the variation between these two verbs. In an attempt to understand the phenomenon as discursive variation, a brief qualitative analysis was also made.

Keywords: Theory of variation. Varbrul. Lexical-semantic variation.

Introdução

As línguas naturais têm por característica a heterogeneidade, possuindo, porém, uma contraparte unificadora. A observância das práticas linguísticas nos leva a crer que falantes de uma mesma comunidade utilizam-se de diferentes formas para expressar uma mesma função. Assim sendo, de onde viria tal variação? Por que as diversas línguas não se organizam de maneira homogênea?

A Sociolinguística Variacionista visa a compreender esse fato, buscando desvendar, a partir da estipulação de padrões sociolinguísticos, as condições em que se promovem as variações e mudanças na língua. Sob essa perspectiva, procuramos, neste trabalho, compreender um fenômeno de variação no Português Brasileiro: a utilização das variantes “colocar” e “botar” (ambas com sentido de “pôr”). Para tal estudo, elaboramos um banco de dados sincrônico, o qual recobre a modalidade oral, composto pelos seguintes *corpora*: inquéritos do Projeto NURC/RJ e entrevistas do Projeto Mineirês: a construção de um dialeto (coordenado pela Profa. Jânia Ramos). Assim sendo, submetemos o *corpus* a uma análise quantitativa, por meio do programa computacional VARBRUL, o qual nos permitiu aferir, a partir de dados estatísticos, a relevância dos fatores de ordem sociolinguística no tratamento da variação. Somado a isso, realizamos uma breve análise qualitativa, a fim de averiguar a importância do discurso nas questões variacionais.

O trabalho organiza-se de modo a apresentar, primeiramente, aspectos basilares da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, especificaremos a metodologia adotada para, posteriormente, realizarmos as análises quantitativa e qualitativa dos dados. Por fim, traremos algumas considerações finais acerca do fenômeno em estudo.

1 O enfoque da Sociolinguística Variacionista

A variação linguística é uma realidade de todas as línguas, sendo impossível falar em homogeneidade linguística entre os falantes de uma determinada língua ou mesmo em uma mesma pessoa. Contudo, como bem observa Mollica (2004a, p. 12), a dinamicidade linguística encontra uma contraparte unificadora: “de um lado, o impulso à variação e possivelmente à mudança; de outro, o impulso à convergência, base para a noção de comunidade linguística, caracterizada por padrões estruturais e estilísticos”. Desse modo, as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade.

Em relação ao caráter dinâmico das línguas, observa-se que este não se dá aleatoriamente: a variação linguística é motivada, ou seja, controlada por fatores que sistematizam e possibilitam prever a heterogeneidade. Para se lidar com os fenômenos em variação, a sociolinguística postula as noções de variável e variante. As formas em variação recebem o nome de *variantes linguísticas*, isto, é, “as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo

valor de verdade” (TARALLO, 1986, p.08). Já o conjunto de variantes linguísticas recebe o nome de *variável linguística*. As variáveis podem ser dependentes ou independentes. As primeiras correspondem ao fenômeno em estudo, no nosso caso estamos lidando com a realização semântica verbal dos verbos “colocar” e “botar”. Já as variáveis independentes (ou explanatórias) englobam os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que influenciam o uso de uma variante em relação à outra. Assim sendo, podemos ter variáveis internas, de natureza fono-morfo-sintática, semântica, discursiva e lexical; e variáveis externas, as quais são inerentes ao indivíduo (etnia, sexo), sociais (escolarização, nível de renda, profissão, classe social) e contextuais (grau de formalidade, tensão discursiva) (MOLLICA, 2004a).

Acerca das variáveis não-linguísticas, Mollica (2004b) observa que elas estão associadas à estigmatização e ao prestígio social. Assim, algumas variantes, as de prestígio, possuiriam uma maior apreciação social, decorrentes de valores sociais/culturais “respeitados”, enquanto que outras, as estigmatizadas, possuiriam uma avaliação depreciativa por parte dos falantes devido aos mesmos valores sociais/culturais cultivados em determinada sociedade. Contudo, como coloca Silva (2003), é importante frisar a relevância das variáveis linguísticas, ou internas, as quais encontram-se intimamente relacionadas com as externas.

Os estudos em variação linguística caminharam de modo a estabelecer quatro grandes grupos referentes ao tipo de variação, a saber: *variação diacrônica* (diz respeito às mudanças que ocorrem numa língua ao longo do tempo); *variação diatópica* (refere-se à variação de acordo com as diferentes regiões espalhadas ao longo do território onde uma língua é falada); *variação diastrática* (consiste nas diferenças existentes na linguagem de pessoas pertencentes a grupos sociais diversos); e, finalmente, *variação diafásica* (caracteriza-se por ser a variação na fala de um mesmo indivíduo, a depender das diferentes situações comunicativas que o sujeito vivencia).

Traçado o panorama geral da proposta da Sociolinguística Variacionista, é preciso considerar algumas questões complicadoras desse modelo.

2 Problematizando o modelo

O modelo variacionista foi todo construído baseado na premissa defendida por Labov (1968 [2006], 1991 [2008]) de que haveria diversas maneiras de se falar a mesma coisa em um mesmo contexto. Contudo, Lavandera (1982 apud MOLLICA, 2004b) demonstra que há contextos mais propensos para o uso de uma determinada variante em relação à outra. Assim, para a autora não se deve dizer que as variantes são formas de se falar a mesma coisa em um mesmo contexto, mas sim que são formas alternativas que desempenham a mesma função, a depender do contexto em que são utilizadas. Já observando essa questão, Labov (2008) começa a defender esse posicionamento, acreditando, portanto, em uma distribuição complementar, isto é, na possibilidade de certos contextos fomentarem o uso de uma dada variante. Assim, o estudioso, que por anos se dedicou a pesquisas de ordem quantitativa, as quais

buscavam traçar padrões de ordem macro-estrutural, defende a necessidade de se aliar a essa abordagem uma análise qualitativa, em que se focalizam os contextos específicos de fala.

Freitag (2009) aponta para o fato de o contexto ser tratado, nos estudos variacionistas, como uma variável independente (um fator que controlaria o uso de uma variante ou outra). Assim, quando a motivação para o uso de uma variante em relação à outra se dá através de fatores discursivos e contextuais, a variação é tratada no âmbito discursivo. Porém, esse é um estudo complexo. Segundo Braga (2004, p. 101),

Se é inegável que o discurso possui uma estrutura, marcas e características que autorizam a identificação de produções discursivas concretas, perceptíveis pelo sentido, é igualmente verdade que a liberdade, a flexibilidade, a negociação de esquemas e estruturas no nível discursivo são mais amplas.

Macaulay (2004) acredita que, para se estudar a variação discursiva, é necessária a observância dos papéis desempenhados pelo falante, ou seja, os diferentes alinhamentos que realizam nas atividades comunicativas nas quais estão inseridos.

Para Freitag (2009), a variação discursiva precisa ser estudada em interface com outras teorias. Uma delas seria a gramaticalização: uma estrutura linguística não pode ser vista como algo fixo, mas como algo moldado pelo discurso, tendo a frequência de uso um papel fundamental, visto que, quanto mais uma construção é utilizada, mais ela tende a se tornar estruturada.

Essas considerações refletem para nós a complexidade do tratamento da variação discursiva. Como explicar, tomando como exemplo o nosso objeto de estudo nesta pesquisa, o uso de “colocar” e “botar” pelos falantes? Procuraremos traçar fatores de ordem macro-estrutural em uma análise quantitativa e, ainda, verificar os diferentes usos em uma abordagem qualitativa, a fim de compreender a existência dessas duas formas que co-ocorrem no sistema sem que haja o prejuízo de uma delas.

3 Metodologia

A preocupação em se estabelecer padrões sociolinguísticos que explicassem a variação/mudança linguística fez com que a Sociolinguística Variacionista se debruçasse em estudos quantitativos. Contudo, a descoberta da relevância contextual para o uso de diferentes variantes fez com que o modelo também considerasse a análise qualitativa. Assim sendo, neste trabalho procederemos de modo a buscar as macro-categorias reguladoras da variação aliando-as com uma perspectiva mais qualitativa, por meio de um *corpus* sincrônico.

Para a constituição de nossa amostra utilizamos inquéritos da década de 1990 do Projeto NURC/RJ (Projeto de Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) e entrevistas que recobrem os anos iniciais dos anos 2000 do Projeto Mineirês: a construção de um dialeto, coordenado pela Profa. Jânia Ramos na UFMG. Os inquéritos e entrevistas foram selecionados aleatoriamente*. Como critério básico para a constituição de nosso *corpus*, delimitamos praticamente o mesmo número de palavras para cada um dos *corpora* descritos acima (VITRAL, 2006). O primeiro conta com 157.172 palavras e o segundo com 157.415 palavras, totalizando ambos, portanto, 314.587 palavras. Dentre as informações disponíveis sobre os falantes, também nos preocupamos em selecionar aleatoriamente falantes de diferentes gêneros, além da diferença regional, para que pudéssemos averiguar a relevância desses fatores. Abaixo, apresentaremos uma tabela para a melhor visualização dos *corpora*.

<i>Corpus</i>	Descrição do <i>corpus</i>	Número de palavras analisado em cada <i>corpus</i>
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos na UFMG	157.415 palavras
Projeto NURC/RJ (Projeto de Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)	Projeto coordenado pelos professores Afrânio Barbosa, Célia Lopes e Dinah Callou na UFRJ	157.172 palavras
Total		314.587 palavras

Tabela 1 - *Corpora* analisados

Para a análise quantitativa, estipulamos os seguintes fatores que, a nosso ver, poderiam influenciar a variação entre “colocar” e “botar”: gênero do falante, localização do falante, (in)determinação do sujeito do verbo, parte (ou não) de locução verbal, termo seguinte ao verbo, posição ocupada pelo verbo na sentença, sentido do verbo, papel do falante, uso do verbo. Logo, como se trata de uma análise multivariada, devemos calcular seus efeitos e medidas de significância. Para tanto, utilizamos o VARBRUL. Essa ferramenta permite mensurar, em termos de significância estatística, o efeito de variáveis independentes na utilização das variantes que constituem a variável dependente. O programa indica, por meio da obtenção do peso relativo, a operação mais relevante (*stepping-up*) e a menos relevante (*stepping-down*) (BAYLEY, 2004). A seguir, apresentaremos a análise dos dados.

* Para a constituição de uma amostra de fala, o pesquisador deve se preocupar em obter uma representatividade da comunidade em estudo, observando critérios de seleção e constituição para que não comprometa a confiabilidade de seus dados (GUY; ZILLES, 2007).

4 Análise descritiva do objeto de pesquisa

Uma rápida consulta ao “Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa” (FERREIRA, 1971) nos informa que o significado do verbo *botar* é “atirar, deitar, arremessar, repelir, lançar-se, atirar-se, atrever-se, fazer-se de viagem, formar saliência, estender-se, pôr ovos [...]” e que o verbo *colocar*, por sua vez, tem a seguinte definição: “dispor, empregar, coordenar, pôr, tomar posição, conseguir emprego”. Porém, sabemos que todo o significado de uma construção não se limita ao significante. Definições de sentido pré-existentes, como as encontradas acima, não são suficientes para dar conta da língua em uso.

Nesse sentido, procuramos averiguar, nesta pesquisa, a variação linguística existente no uso dos verbos *colocar* e *botar* com o sentido de *pôr*. Em diversas situações comunicativas, somos levados a pensar que ambos exercem praticamente a mesma ação; e é justamente para verificar seus usos que esses verbos foram escolhidos como as variantes em nossa análise.

Como descrito na seção de metodologia, optou-se por utilizar *corpora* que representassem a modalidade oral da língua, sendo eles o Projeto Mineirês, da Professora Jânia Ramos da UFMG, e o Projeto NURC, dos Professores Afrânio Barbosa, Célia Lopes e Dinah Callou da UFRJ. A tabela 2 abaixo representa a frequência das ocorrências encontradas em cada *corpus*:

	Verbo “botar”		Verbo “colocar”		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº
<i>Projeto Mineirês</i>	1	1,75%	56	98,24%	57
<i>Projeto NURC</i>	110	65,47%	58	34,52%	168
Total	111	49,33%	114	50,66%	225

Tabela 2 - Ocorrência das variantes dependentes nos *corpora* analisados

Podemos observar que, das 111 ocorrências do verbo *botar*, apenas uma foi utilizada nas entrevistas do Projeto Mineirês. Em contrapartida, os 114 usos do verbo *colocar* foram bem divididos entre os dois *corpora*, sendo 56 ocorrências no Projeto Mineirês e 58 no Projeto NURC. A análise foi iniciada, portanto, a partir de um universo de 225 ocorrências das variantes.

As **variáveis independentes** escolhidas através da observação das regularidades de uso foram as seguintes:

- 1) Gênero do falante;
- 2) Localização do falante;
- 3) Papel do falante;

- 4) Contexto de uso do verbo;
- 5) Sentido abstrato do verbo;
- 6) (In)determinação do sujeito do verbo;
- 7) Presença de locução verbal;
- 8) Termo seguinte ao verbo;
- 9) Posição ocupada pelo verbo na oração.

Sua frequência de ocorrência, exemplos dos dados e maiores detalhamentos de cada variável independente serão dados apresentados mais adiante.

5 Análise dos dados

Utilizando o programa VARBRUL (versão de 2001) como recurso analítico, pudemos chegar a resultados estatísticos sobre os fatores mais relevantes, dentre os observados aqui, para a escolha de uma variante ou de outra.

Inicialmente, apresentaremos a análise quantitativa dos dados com o intuito de fornecer uma visão geral sobre a frequência de ocorrência de cada variável independente e seus fatores, explicando e exemplificando cada uma, apresentando tabelas e gráficos a partir dos dados rodados no VARBRUL.

Em seguida, veremos, através dos pesos relativos atribuídos pelo programa computacional a cada variável independente pelo programa computacional, quais foram os fatores que se mostraram mais ou menos relevantes para favorecer (ou não) a ocorrência da variação dos verbos *botar* e *colocar*.

E, finalmente, realizaremos a análise qualitativa dos dados encontrados objetivando compreender o fenômeno enquanto variação discursiva.

5.1 Análise quantitativa

Para a análise quantitativa das variantes *botar* e *colocar*, rodamos no VARBRUL os seguintes fatores:

Variáveis Independentes	Fatores (variantes independentes)
Gênero do falante	a) Masculino ; b) Feminino
Localização do falante	c) Rio Rio de Janeiro (Projeto NURC); d) Mi Minas Gerais (Projeto Mineirês)
Papel do falante	e) Agente;

	f) Experienciador ou Beneficiário
Contexto de uso do verbo	g) Relacionado a vestuário; h) Outros usos
Sentido do verbo	i) Abstrato; j) Concreto
(In)determinação do sujeito do verbo	k) Genérico; l) Determinado pelo contexto
Locução verbal	m) Presente; n) Ausente
Termo seguinte ao verbo	o) Item gramatical; p) Item lexical; q) Não há termos após o verbo
Posição do verbo na oração	r) Inicial; s) Medial; t) Final

5.1.1 Gênero do falante

Nossa análise demonstrou que a variável *gênero* é relevante para que a variação ocorra. De acordo com a tabela 3, as mulheres tendem a utilizar mais o verbo “colocar” (54,68%) do que os homens (45,36%). Em contrapartida, os homens fazem mais uso do verbo “botar” (54,63%) do que as mulheres (45,31%).

	Masculino		Feminino		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	53	54,63%	58	45,31%	111	49,33%
Verbo “colocar”	44	45,36%	70	54,68%	114	50,66%
Total de ocorrências	97	43,11%	128	56,88%	225	100%

Tabela 3 – Variável: Gênero do Falante

Talvez por questões de formalidade, podemos pensar que, em determinados contextos, os homens tendem a agir de forma mais informal, enquanto que da mulher, por questões históricas e sociais, é requerida uma postura mais cuidadosa. Daí os usos mais informais de “botar”, e levemente menos informais de “colocar”:

(1) aqueles profetas evangélicos gritando... vociferando... o inferno... nome de Jesus e o diabo a quatro... era divertido aquilo sabe... e um dia eu expulsei um de lá... estava falando do inferno às sete horas da manhã... botei pra correr.... inferno é AIDS... meu filho... inferno é câncer... é AIDS... coisa de bíblia não...() **botei** pra correr... **botei** pra fora do vagão... () **botei** ele pra correr... (NURC/RJ. Falante

masculino)

(2) LOC. - Ah, mas é lógico que é isso Mônica, eu vivi uma vida tranquila, calma, não havia problema de espécie alguma. Você **colocava** as suas jóias pra ir trabalhar, pra ir passear, pra ir à rua, normalmente, sem problema nenhum, nem se pensava em roubo em ser atacada. (NURC/RJ. Falante feminino)

Porém, tal tendência, ainda que possa permanecer uma herança histórica e social, não se encontra mais tão presente nos dias atuais, principalmente nas grandes cidades, como o Rio de Janeiro e Belo Horizonte (locais onde foram realizadas as entrevistas).

5.1.2 Localização do falante

Como os *corpora* utilizados representam os falares de duas regiões do país (Belo Horizonte, no Projeto Mineirês e Rio de Janeiro, no Projeto NURC), pudemos verificar a variação diatópica entre as duas variantes dependentes.

	Rio de Janeiro (Projeto NURC)		Minas Gerais (Projeto Mineirês)		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	110	66,66%	1	1,66%	111	49,33%
Verbo “colocar”	55	33,33%	59	98,33%	114	50,66%
Total de ocorrências	165	73,33%	60	26,66%	225	100%

Tabela 4 - *Variável: Localização do Falante*

Na Tabela 4, percebemos que a variável independente “localização do falante” é bastante favorável à ocorrência da variação, de modo que praticamente todos os usos do verbo “botar” aparecem no falar do Rio de Janeiro, e apenas uma ocorrência foi encontrada no falar de Minas Gerais:

(3) E quando nós passamos pro grupo, a professora nos separou: botou ela em uma carteira e eu na outra. (Projeto Mineirês)

5.1.3 Papel do falante

Cançado (2005, p. 133-114) define o agente como “o desencadeador de alguma ação”, o experienciador como “ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico” e o beneficiário como “a

entidade que é beneficiada pela ação descrita”. Com base em sua definição, pudemos observar que, ao utilizar os verbos *botar* ou *colocar*, os falantes ou exercem o papel de agente,

(4) Ahno na no meu jogo de futebol na eu jogo na copas de times do mundo eu sou o Barcelona [vin] eu **coloquei** só time ruim no meu grupo pra eu vencer rapidinho (Projeto Mineirês)

ou o de experienciador ou beneficiário:

(5) LOC. - olha... viagem eu gosto até porque... eu gosto de fazer... mas acontece... eu gosto de viajar... mas a estrada me **bota** assim um pouco nervosa... (NURC/RJ)

Como podemos ver na tabela 5 a seguir, essa variável não favorece o fenômeno da variação.

	Agente da ação		Experienciador ou Beneficiário		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	106	49,76%	5	41,66%	111	49,33%
Verbo “colocar”	107	50,23%	7	58,33%	114	50,66%
Total de ocorrências	213	94,66%	12	5,33%	225	100%

Tabela 5 - Variável: Papel do Falante

5.1.4 Contexto de uso do verbo

Observou-se, nos *corpora*, o uso de ambas as variantes para referir-se ao ato de “vestir roupas” ou “usar acessórios”. De fato, o uso dos verbos “botar” e/ou “colocar” nesse contexto de vestuário parece ter tido uma frequência tão grande quanto os verbos “vestir” ou “usar”. Mas esse é objeto para outra pesquisa e não se encaixa no escopo deste trabalho.

(6) Eu mandei elas entrarem. Elas entraram junto com o policial e **colocaram** a camisola aí quando meu pai voltou da lavanderia viu para copa e ele olhou viu no chão um monte de vidro quebrado. (Projeto Mineirês)

Ainda que o contexto de vestuário tenha fomentado o uso dos verbos “botar” e “colocar”, esse fator não se mostrou relevante para a variação em si, aproximando-se do ponto de neutralidade, como podemos perceber a seguir:

	Uso relacionado a vestuário		Outros usos		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	7	46,66%	104	49,52%	111	49,33%
Verbo “colocar”	8	53,33%	106	50,47%	114	50,66%
Total de ocorrências	15	6,66%	210	93,33%	225	100%

Tabela 6 - Variável: Uso do verbo

5.1.5 Sentido traduzido pelo verbo

Esta variável diz respeito ao uso desses verbos para se referir a uma ação concreta, no plano físico – como em (7) – ou, ainda, para se referir a uma situação abstrata, revelando um deslocamento de sentido para o plano metafórico – como em (8).

(7) Aí chegou, ela **colocou** as coisas dela aqui, né, cobertor e travesseiro, a gente tava assistindo televisão na sala. (Projeto Mineirês)

(8) Tem também uma coisa que eu preciso **botar** na cabeça: do jeito do Rio de Janeiro, não dá pra cidade viver de turismo. (NURC/RJ)

Porém, ao rodarmos os dados no programa, percebemos que esse fator também se aproximou do ponto de neutralidade (49,09% das ocorrências do verbo “botar” foram encontradas com uso concreto, e similares 50,99% das ocorrências do verbo “colocar” foram encontradas com o mesmo uso):

	Abstrato		Concreto		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	12	52,17%	99	49,09%	111	49,33%
Verbo “colocar”	11	47,82%	103	50,99%	114	50,66%
Total de ocorrências	23	10,22%	202	89,77%	225	100%

Tabela 7 - Variável: Sentido do verbo

5.1.6 (In)determinação do sujeito do verbo

Ao fazer a análise dos termos que acompanham as variantes, o VARBRUL nos revelou que o sujeito dos verbos é fator relevante ao favorecimento da variação.

Os sujeitos foram separados em “sujeitos genéricos”, ou seja, aqueles que não são determinados, como o pronome genérico “você”, trazendo a ideia não de direcionamento ao interlocutor, mas de “qualquer pessoa”:

(9) É, não tem referência, mínima referência, você **coloca** as cinco mil pessoas aqui na arquibancada do Flamengo, a cidade inteira, cê anda a pé e conhece todo mundo. (NURC/RJ)

e em “sujeitos determinados”, aqueles que podem ser localizados no contexto:

(10) Esse, esse móvel eu fiz um bar, mandei **botar** espelho. (NURC/RJ)

De acordo com a tabela 8, temos que o sujeito genérico favorece a ocorrência do verbo “colocar” (57,89%). Por outro lado, o uso do verbo “botar” é favorecido pela presença de sujeitos determinados pelo contexto (56,75%).

	Genérico		Determinado pelo contexto		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	48	42,10%	63	56,75%	111	49,33%
Verbo “colocar”	66	57,89%	48	43,24%	114	50,66%
Total de ocorrências	114	50,66%	111	49,33%	225	100%

Tabela 8 - Variável: (In)determinação do sujeito do Verbo

5.1.7 Locução verbal

Muitas das ocorrências das construções verbais aqui analisadas são acompanhadas por verbos modalizadores:

(11) Aí eu vejo assim, aqueles quartos pequenos, quer dizer, dificilmente, por

exemplo, você pode **botar**, além da cama, se você quiser botar uma cadeira de balanço, quiser botar uma, uma poltrona, não dá. (NURC/RJ)

(12) agora ah/gosto muito de um/de um feijão ENXOFRE né... de um feijão BRANCO... mas aí pra fazer/e/esses FEIJÕES... você tem que:: **colocar** as CARNES... porque esse feijão mais claro sem CARNE não tem GRAÇA nenhuma... (NURC/RJ)

Em nossa pesquisa, os dados apontam para um emprego quase equivalente das duas variantes tanto quando acompanhadas de outros verbos (sendo, portanto, modalizadas) quanto quando aparecem sozinhas, como podemos verificar na tabela 9:

	É parte de uma locução verbal		Não é parte de uma locução verbal		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo "botar"	29	43,28%	82	51,89%	111	49,33%
Verbo "colocar"	38	56,71%	76	48,10%	114	50,66%
Total de ocorrências	67	29,77%	158	70,22%	225	100%

Tabela 9 - Variável: Locução Verbal

5.1.8 Termo seguinte ao verbo

Após a análise das locuções verbais, observamos os termos que seguem as variantes em estudo a fim de constatar se esse é um fator que favorece a escolha do verbo. Para tanto, estabelecemos três variáveis independentes:

- a existência de um item gramatical após a variante;
- a existência de um item lexical após a variante;
- a categoria vazia, ou seja, quando a variante encerra a sentença e não há termos que a seguem.

	Item gramatical		Item lexical		Não há termos após o verbo		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo "botar"	76	44,18%	29	65,90%	6	66,66%	111	49,33%
Verbo "colocar"	96	55,81%	15	34,09%	3	33,33%	114	50,66%
Total de ocorrências	172	76,44%	44	19,55%	9	4,00%	225	100%

Tabela 10 - Variável: Termo seguinte ao verbo

O programa VARBRUL não considerou esse fator como sendo relevante para a ocorrência da variação. Porém, podemos perceber alguns padrões recorrentes para os verbos “botar” e “colocar”. Ainda que o total de ocorrências tenha sido baixo (apenas 9 casos – 4% de todas as ocorrências), houve uma preferência pelo uso do verbo “botar” sem nenhum termo procedente em relação ao uso do verbo “colocar” nas mesmas condições (6 ocorrências - 66,66% - e 3 ocorrências - 33,33% -, respectivamente):

(13) O mármore da pia era muito pequeno, era praticamente ocupado pelas duas pias. E uma era utilizada sempre e a outra ficava com o escorredor de prato em cima que eu não tinha mais lugar pra **botar**. (NURC/RJ)

Também houve preferência pelo verbo “botar” quando seguido de itens lexicais (65,90% contra 34,09% do verbo “colocar”), e conseqüentemente, o verbo “colocar” foi mais utilizado quando seguido por termos gramaticais.

(14) Eu acho que vai dar pra **botar** cadeira de balanço onde eu gosto de ler, tudo dentro do meu quarto, entendeu? (NURC/RJ)

(15) Levava peças e eram feitas ali, tinha os cenários. Sabe? Então ele **colocava** o cenário conforme a parte da peça, eles trocavam o cenário. (Projeto Mineirês)

5.1.9 Posição do verbo

O último fator analisado nesta pesquisa foi a posição ocupada pelos verbos “botar” e “colocar” na oração. Esse fator mostrou-se relevante para o favorecimento das ocorrências, como podemos ver na tabela 11:

	Posição Inicial		Posição Medial		Posição Final		Total de ocorrências	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Verbo “botar”	13	88,66%	92	46,00%	6	60,00%	111	49,33%
Verbo “colocar”	2	13,33%	108	54,00%	4	40,00%	114	50,66%
Total de ocorrências	15	6,66%	200	88,88%	10	4,44%	225	100%

Tabela 11 - *Variável*: Posição ocupada pelo verbo na oração

Como já era esperado, o maior número de ocorrências de ambos os verbos “botar” e “colocar” aconteceram na posição medial, entre o sujeito e o complemento (dentro do universo de 225 ocorrências totais, em 200 os verbos apresentaram posição medial na oração, uma representatividade de 88,88%).

Observamos que há uma preferência pelo uso do verbo “botar” em posição inicial na oração (88,66%, enquanto que o verbo “colocar” ocorreu com uma frequência de apenas 13,33%):

(16) **botar** o pé na areia na água... ela não botava... (NURC/RJ)

(17) **Botaram** uma bomba? Como foi o estouro? (NURC/RJ)

Se pensarmos que há topicalização ao utilizar o verbo em posição inicial na oração, podemos aferir que, nos dados pesquisados, o uso do verbo “botar” foi mais relevante como construção enfática do que o verbo “colocar”.

5.1.10 Peso Relativo

O programa VARBRUL nos forneceu o peso relativo para todos os fatores que se mostraram relevantes para a ocorrência das variantes em nossa pesquisa. Os valores acima de 0,5 (entre 0,5 e 1,0) indicam que um determinado fator favorece a variação linguística, enquanto que valores abaixo de 0,5 (entre 0,0 e 0,5) são indicadores de que esses fatores não favorecem a variação. Os fatores que possuem peso relativo igual a 0,5 são considerados neutros, não favorecendo nem inibindo a existência da variação linguística e, portanto, o VARBRUL não os considerou como fatores relevantes para esta análise.

A tabela 11 abaixo nos mostra os valores dos pesos relativos atribuídos pelo programa computacional aos fatores considerados relevantes para as ocorrências dos verbos “colocar” e “botar” verificadas nos nossos *corpora*.

Variável Independente	Fatores	Peso Relativo
Posição ocupada pelo verbo na sentença	Posição Inicial	0,943
	Posição Medial	0,449
	Posição Final	0,469
Localização do falante	Rio de Janeiro	0,819
	Minas Gerais	0,016
(In)determinação do sujeito do verbo	Sujeito Genérico	0,383
	Sujeito Determinado	0,620

Gênero do falante	Masculino	0,390
	Feminino	0,584

Tabela 11 - Pesos Relativos atribuídos pelo VARBRUL

Como podemos verificar através dos pesos relativos e das porcentagens apresentadas nas subseções anteriores, as variáveis independentes que mais favoreceram a realização de nossas variantes foram, na ordem de relevância: 1) a posição ocupada pelo verbo na sentença, sendo que o uso das variantes na posição inicial (como visto, a preferência do verbo “botar” iniciando as orações) foi o fator que mais incitou a variação; 2) a localização do falante, estando a variação mais presente no Rio de Janeiro do que em Minas Gerais; 3) a determinação do sujeito dos verbos “colocar” e “botar”, sendo que os sujeitos que puderam ser determinados através do contexto favoreceram a variação (e, como visto, favoreceram mais o uso do verbo “botar”); 4) o gênero do falante, sendo que o uso que as mulheres fazem de ambas as variantes mostrou-se relevante para a existência da variação linguística entre as duas formas verbais.

As demais variáveis não foram consideradas estatisticamente significativas pelo programa com relação a este fenômeno de variação na amostra analisada neste trabalho, uma vez que sua frequência de uso e o valor de seu peso relativo encontram-se muito próximos (senão igual) do valor neutro (0,5).

5.2 Análise qualitativa

Vimos, com a análise quantitativa apresentada acima, que os fatores sociais *região de origem e gênero do falante* e os fatores estruturais *posição no verbo na sentença* e *(in)determinação do sujeito* parecem fomentar o uso ou da variante “botar” ou da variante “colocar”. Desse modo, buscou-se traçar um padrão da comunidade, uma vez que a variação não é medida pelo falar de um único indivíduo, mas sim em relação à sociedade (BAYLEY, 2004).

Contudo, se nos limitássemos aqui a quantificar, a generalizar, estaríamos reduzindo a complexidade do sistema linguístico, nos resumindo à descrição de uma só realidade, a qual julgaríamos como única. Como afirma Freitag (2009, p. 118), “atuam na motivação da escolha entre as variantes não apenas a estrutura, mas também fatores discursivos e contextuais.” Sendo assim, propomos uma análise qualitativa, evidenciando aspectos discursivos que favorecem a variação presente nos dados observados.

O contexto de enunciação no qual as variantes estão inseridas é de extrema importância para o estudo do seu uso das. Pudemos perceber a existência de alguns padrões situacionais que condicionariam o uso dos verbos “colocar” e “botar”, tais como contextos que tratavam da movimentação de objetos no plano literal, como em falas sobre receitas culinárias, sobre a mudança de móveis na casa, ou ainda, como visto na análise realizada na seção anterior, contextos que se relacionavam com o

vestuário, nos quais o falante se referia à utilização de roupas ou acessórios.

A grande ocorrência da variante “botar” (111 ocorrências), que praticamente se igualou ao número de ocorrências da variante “colocar” (114 ocorrências) pode ser explicada com base em nosso banco de dados. Como os *corpora* foram representativos da modalidade oral, com alto grau de informalidade, os falantes puderam fazer uso também da variante que mais parece adequar-se a essa modalidade. Podemos imaginar aprioristicamente que, se a pesquisa tivesse sido realizada com base em dados de escrita formal, a presença da variante “botar” provavelmente teria sido extremamente inferior do que a da variante “colocar”, se é que tal contexto fomentaria a existência de variação linguística entre os dois verbos.

A intenção comunicativa do falante também parece fomentar a preferência de uma variante sobre a outra. Como visto acima, a topicalização de um determinado verbo, assim como o seu deslocamento para o final da oração, dependem da necessidade de o falante enfatizar determinada informação. Dessa forma, o falante vai adequando a utilização das variantes às exigências de cada situação discursiva.

6 Considerações finais

Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar a variação dos verbos “colocar” e “botar” em *corpora* de entrevistas orais (Projeto Mineirês, da UFMG e Projeto NURC, da UFRJ). Para isso, utilizamos o programa computacional VARBRUL, que foi extremamente útil na definição da frequência percentual de cada um dos fatores por nós selecionados para cada uma das variantes.

Além disso, o VARBRUL nos forneceu os valores dos pesos relativos das variantes, indicando e selecionando as variáveis estatisticamente significativas em relação ao fenômeno investigado nesta amostra. Das nove variáveis independentes inicialmente propostas por nós, quatro se manifestam relevantes para a variação, na seguinte ordem de relevância: a) a posição ocupada pelo verbo na oração; b) a localização do falante; c) a (in)determinação do sujeito do verbo; d) o gênero do falante.

Vimos, ainda, que apenas dados quantitativos não dão conta de englobar a língua em uso, os contextos discursivos, a posição e o envolvimento do falante, a intenção comunicativa desse falante ao optar por uma ou outra variante. Portanto, fizemos uma breve observação sobre a necessidade de se observar também os aspectos discursivos, através de uma análise qualitativa.

Reconhecendo os limites desta pesquisa, esperamos que ela possa ser ampliada em trabalhos futuros, englobando um número maior de *corpora*, de fatores e de usos, de modo que o estudo da variação linguística dos verbos *colocar* e *botar* através de fatores linguísticos e extralinguísticos possa representar um padrão discursivo da fala dos brasileiros. Também acreditamos ser possível uma interface com a *diacronia* e com a *gramaticalização*, a fim de observar o percurso das formas em estudo, tentando melhor compreender o fenômeno em variação.

Referências

BAYLEY, Robert. The Quantitative Paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

BRAGA, M. L. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 101-116.

CANÇADO, M. Os papéis temáticos. In: _____. *Manual de Semântica. Noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 111-114.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 115-132, jan./jun. 2009.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Quantitative reasoning in linguistics*. *Linguistics*, 563, 2008.

LABOV, W.; WEINREICH, U.; HERZOG, M.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

MACAULAY, R. Discourse variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004a. p. 9-14.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 27-31.

SILVA, G. M. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 67-71.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

VITRAL, L. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 2006.

Recebido em 31 de julho de 2011.

Aceito em 22 de junho de 2012.

KRÍCIA HELENA BARRETO

Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: kriciabarreto@hotmail.

NATHÁLIA FELIX DE OLIVEIRA

Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: nathfelixletras@gmail.com.

PATRÍCIA FABIANE AMARAL DA CUNHA LACERDA

Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: patriciacunhajf@ig.com.br.